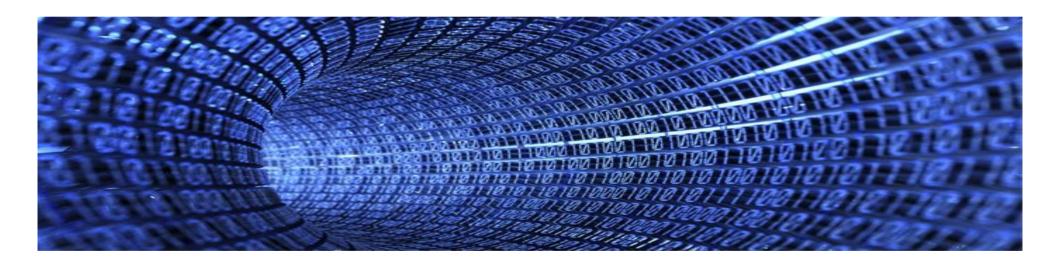
Curso de Engenharia de Computação Sistemas Operacionais



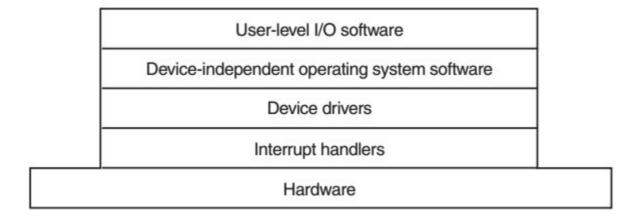
Entrada e Saída - Parte II



Slides da disciplina Sistemas Operacionais Curso de Engenharia de Computação Instituto Mauá de Tecnologia – Escola de Engenharia Mauá Prof. Marco Antonio Furlan de Souza



Camadas





Manipuladores de interrupção

- Quando uma interrupção de E/S ocorre, ela provoca a ativação de um driver, que normalmente é estruturado como um processo que executa no kernel (com estados, pilha e contadores de programa próprios);
- Existem diversos passos que devem ser executados quando ocorre uma interrupção:
- 1. Salvar qualquer registrador (incluindo PSW) que não tenha sido salvo pelo hardware de interrupção.
- 2. Definir um contexto (dados) para o procedimento de serviço de interrupção (TLB, MMU e tabela de páginas).
- 3. Definir uma pilha para o procedimento de serviço de interrupção.
- 4. Alertar o controlador de interrupção.
- 5. Copiar os registradores de onde eles foram salvos (alguma pilha) para a tabela de processo.

- 6. Executar o procedimento de serviço de interrupção, que extrairá informação dos registradores do dispositivo que provocou a interrupção.
- 7. Escolher que processo executar na sequência.
- 8. Ajustar a MMU para o processo que será executado (pode envover TLB)
- 9. Carregar os registradores do novo processo, incluindo PSW.
- 10. Iniciar a execução do novo processo.



- Cada controlador de dispositivo possui um ou mais registradores de dispositivo que são utilizados para comandá-lo, para ler seu estado ou ambos;
- O número de registradores de dispositivo e a natureza dos comandos varia radicalmente de dispositivo para dispositivo. Exemplos:
 - Mouse: precisa armazenar a sua posição e o estado dos botões;
 - Disco rígido: precisa armazenar informações sobre setores, trilhas, cilindros, cabeças, movimento do braço, motor, tempos de assentamento da cabeça etc.

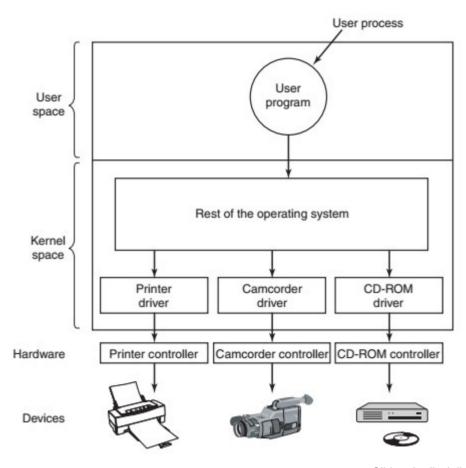


- O código do sistema operacional que controla um dispositivo (pelo seu controlador) é denominado de device driver e normalmente é fornecido pelo fabricante do dispositivo;
- Cada device driver controla um tipo de dispositivo ou uma classe de dispositivos relacionados;
- Existem dispositivos muito diferentes que são baseados na mesma tecnologia subjacente. Por exemplo, USB (Universal Serial Bus) – utiliza uma organização em camadas similar às camadas de rede – na camada mais alta ainda há a separação do tipo de dispositivo.



- Para acessar o hardware de um dispositivo (seus registradores) normalmente o device driver deve ser parte do kernel do sistema operacional;
- Mas é possível construir device drivers que executam no espaço do usuário, com chamadas para leitura e escrita nos registradores dos dispositivos. Esta abordagem isola o kernel dos drivers e os drivers de outros drivers, eliminado crashes que acabam interferindo no kernel - o MINIX3 adota esta abordagem;
- Os device drivers podem ser classificados ainda em devices de bloco e devices de caractere e podem estar compilados no kernel ou serem carregados dinamicamente.







- Funcionamento típico
 - O device driver inicia verificando os parâmetros de entrada para certificar-se que são válidos. Se não, um erro é retornado. Se sim, o driver traduz as características do dispositivo real em termos desses parâmetros;
 - O driver verifica se o dispositivo está em uso. Se sim, a requisição será enfileirada para processamento posterior. Senão, o estado do hardware é verificado para saber se a requisição pode ser feita ou não. Quando o dispositivo está pronto, o controle se inicia;
 - Controlar significa gerar uma série de comandos para o dispositivo.
 A cada comando enviado é necessário certificar que o dispositivo o recebeu e está pronto para receber outro.



- Funcionamento típico
 - Após o envio dos comandos, pode ocorrer um dos dois casos: (a) O device driver deve aguardar até o controlador executar o trabalho para ele, sendo avisado por uma interrupção para desbloqueá-lo; (b) A operação finaliza sem atraso e não é necessário que o device driver seja bloqueado;
 - Por fim, ele retorna algum valor de informação de estado para quem o solicitou;
 - Na realidade, o funcionamento é mais complexo reentrância (uma solicitação ao driver enquanto ele processa outra), utilização de dispositivos hot-plug, etc;
 - Nota: device drivers n\u00e3o executam chamadas de sistema!

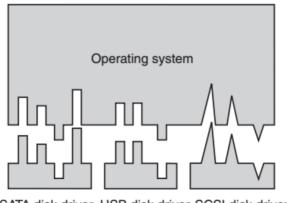


- Software de E/S independente de dispositivo
 - A função básica de software de E/S independente de dispositivo é executar as funções de E/S que são comuns a todos os dispositivos e prover uma interface uniforme aos programas do nível de usuário;
 - Funcionalidades:

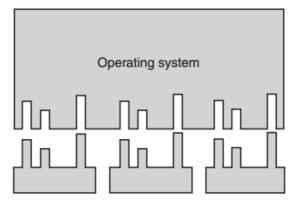
| Uniform interfacing for device drivers |
|--|
| Buffering |
| Error reporting |
| Allocating and releasing dedicated devices |
| Providing a device-independent block size |



- Software de E/S independente de dispositivo
 - Interface uniforme para device drivers
 - Questão importante: como fazer com que todos dispositivos de E/S e drivers sejam parecidos ao siistema operacional? Ter que inventar novos meios de utilização para novos dispositivos não é uma boa ideia...







SATA disk driver USB disk driver SCSI disk driver

(a) Interfacesdistintas(b) Mesmainterface

(b)



- Software de E/S independente de dispositivo
 - Interface uniforme para device drivers
 - Para se conseguir a uniformidade, para cada classe de dispositivos (discos, impressoras etc) o sistema operacional deve definir um conjunto de funções que o device driver deve fornecer;
 - Por exemplo, para um disco isso inclui leitura e escrita, ligar e desligar, formatação etc.
 - Em geral, um device driver mantém uma tabela de ponteiros para essas funções. Quando o driver é carregado, o sistema operacional armazena o endereço desta tabela de ponteiros de funções de modo que, quando ele precisa chamar uma dessas funções ele pode realizar uma chamada indireta por esta tabela. Esta é a interface entre o driver o o resto do sistema operacional.



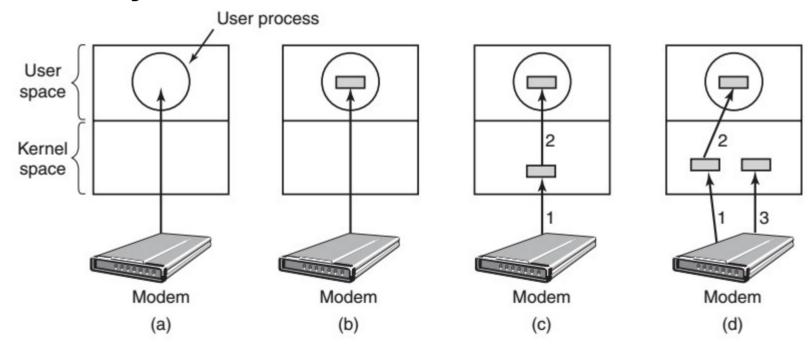
- Software de E/S independente de dispositivo
 - Interface uniforme para device drivers
 - Outro aspecto de uniformização é a nomenclatura dos dispositivos de E/S;
 - Por exemplo, no UNIX um nome de dispositivo como /dev/disk0 identifica unicamente o i-node para um arquivo especial, que contém o número maior do dispositivo, que é utilizado para localizar o driver. Também contém o número menor do dispositivo, que é passado como parâmetro ao driver para identificar a unidade a ser lida ou escrita.



- Software de E/S independente de dispositivo
 - Buferização
 - A buferização acelera o processo de ler/escrever de/para um dispositivo;
 - A não buferização implica em tratar uma interrupção para cada unidade de dado;
 - Pode-se pensar em utilizar um buffer no espaço do usuário e, a cada interrupção ele recebe novos dados – mas por estar separado do kernel, nada garante que ele esteja sempre disponível e para garantir gasta-se muitos recursos;
 - Uma alternativa melhor é manter o buffer no kernel e melhor, utilizar uma dupla buferização: quando um buffer está cheio ele é disponibilizado ao usuário e enquanto isso o outro buffer é utilizado pelo driver;
 - Uma implementação eficiente de buffer é o buffer circular.

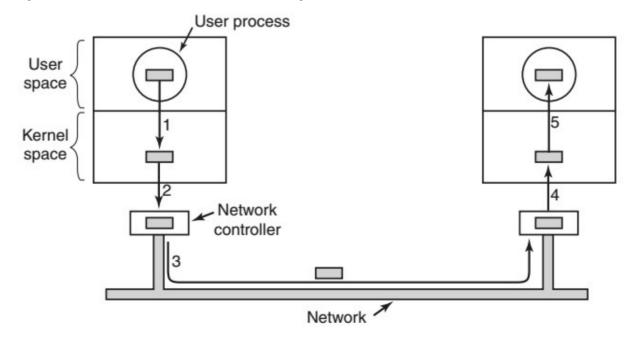


- Software de E/S independente de dispositivo
 - Buferização





- Software de E/S independente de dispositivo
 - Buferização
 - Exemplo onde um dado é copiado diversas vezes





Software de E/S independente de dispositivo

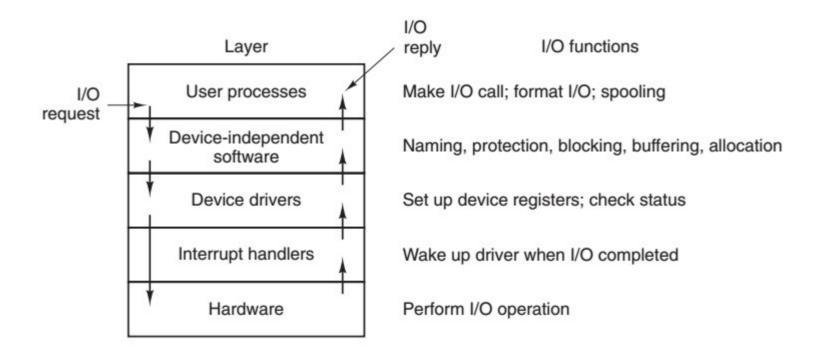
- Reportagem de erros
 - Erros de programação: escrever para um dispositivo de entrada etc.
 - Uso de parâmetros inválidos
 - Erros de E/S: utilizar um disco rígido com defeito; ler um "bad block" etc.
- Alocação e liberação de dispositivos dedicados
 - Utilizar uma chamada uniforme para alocar o dispositivo por exemplo, open(), e com seu resultado utilizá-lo ou não.
- Tamanho de bloco independente de dispositivo
 - Utilizar tamanhos de bloco lógicos, independentes de tamanhos de setores físicos.



- Software de E/S no espaço de usuário
 - Utilizam-se de bibliotecas que são compiladas aos programas de usuário.
 - Exemplo: http://man7.org/tlpi/code/online/diff/fileio/copy.c.html



Resumo



Referências bibliográficas



TANENBAUM, Andrew S. **Sistemas operacionais modernos**. 3. ed. São Paulo: Pearson, 2013. 653 p.